

## Responsabilidade social

# Jovem Produtor Audiovisual abre portas para a diversidade no cinema gaúcho

» Com apoio da Lei Paulo Gustavo, o projeto foi selecionado em primeiro lugar no edital da Capital

**Gabrieli Silva**  
gabrielis@jcrs.com.br

Criado em 2023 com a intenção de democratizar o acesso à formação em cinema, o programa Jovem Produtor Audiovisual vem transformando realidades em Porto Alegre. À frente da iniciativa está o cineasta e jornalista Marcos Kligman, que conhece de perto as barreiras sociais do setor. “Eu sou um pobre trabalhando numa área de ricos. Quando tive a chance de criar algo para quem era como eu — apaixonado por cinema, mas sem acesso — eu fiz”, conta ele.

A primeira edição do curso surgiu de forma particular, com metade das vagas destinadas a bolsistas e o menor valor cobrado na cidade. Depois, com apoio da Lei Paulo Gustavo, o projeto foi selecionado em primeiro lugar no edital de Porto Alegre, permitindo que todas as vagas fossem gratuitas.

O curso se estrutura em três etapas: formação teórica, prática e exibição. Após as aulas introdutórias, os alunos se dividem em grupos e produzem curtas-metragens com o apoio da produtora do idealizador, que cede equipamentos e espaço. A experiência culmina em sessões de cinema com debates — muitas vezes em locais onde o cinema não chega, como bairros periféricos da cidade.

O impacto não é apenas na formação, mas também na represen-

tatividade. “Cursos audiovisuais são caros. Quando só pessoas de alto poder aquisitivo entram no setor, os filmes mantêm o status quo. Nosso projeto permite narrativas que enfrentam e transformam”, explica. Hoje, as exibições acontecem também em escolas da zona rural, com audiodescrição e legendas acessíveis, em parceria com iniciativas como o Cine Mônica.

Desde o início, cerca de 120 pessoas participaram do programa, com uma demanda crescente: na última edição, houve 16 candidatos por vaga. Apesar do nome, não há limite de idade — o jovem, aqui, é quem está começando no audiovisual.

Mais do que formar cineastas, o programa forma redes e inspira novos negócios. Entre os ex-alunos estão produtoras como a TMOF (Todo Mundo de Festival), que cobre eventos como o Festival de Gramado, e filmes de destaque como Translume, dirigido por Bruno César e majoritariamente produzido por neuro divergentes, ou Fobia, de Adrielle Figueiró, o primeiro curta-metragem brasileiro totalmente feito por mulheres negras.

Adrielle, de 28 anos, é também idealizadora da Cura – Coletiva Urbana de Retomada Aquilombá, conheceu o JPA através de cartazes espalhados pela cidade. “Na época, eu tinha pouca familiaridade com o cinema, mas já havia trabalhado



Desde o início, em 2023, cerca de 120 pessoas já participaram do programa, que tem uma demanda crescente

como diretora de arte no clipe Pai Nosso, da artista Agnes Mariá, e participado como figurante em outras produções”, conta.

Segundo ela, o curso foi essencial para consolidar seu caminho no audiovisual e foi dessa vivência que nasceu Fobia, curta que usa o suspense para explorar o impacto do racismo na saúde mental de pessoas negras. “Fiz questão de estender essa oportunidade a outras pessoas negras iguais a mim. Todo o projeto — da concepção à capta-

ção de recursos e gravação — foi realizado por nós.”

Para o idealizador, o futuro do audiovisual brasileiro depende de políticas públicas consistentes e da valorização da juventude criativa. “O audiovisual é parte da economia criativa, uma indústria com alto retorno social e econômico. Cada filme envolve segurança, alimentação, transporte. O impacto vai além do set de filmagem.”

A missão do Jovem Produtor Audiovisual é clara: dar estrutura

para que novos olhares sobre o mundo possam emergir.

A próxima oportunidade de conhecer esses novos olhares é a Terceira Mostra do Jovem Produtor Audiovisual, que acontecerá no dia 30 de abril, às 19h, na Sala Redenção. A entrada é gratuita e serão exibidos quatro curtas-metragens, entre eles o destaque para a estreia de 666x1 — Uma jornada de trabalho dos infernos!. Uma boa oportunidade de prestigiar o cinema local e suas novas vozes.

## Cineclubes Academia das Musas destaca trajetórias de mulheres

Desde 2016, o Cineclubes Academia das Musas vem construindo um espaço potente para a visibilidade de mulheres no audiovisual. Criado em Porto Alegre, o projeto nasceu das discussões do grupo de estudos Aurora e da tese de doutorado de Luiz Carlos de Oliveira Júnior.

A proposta inicial — refletir sobre as representações femininas nas telas — logo se aprofundou: o foco passou a ser o olhar de cineastas mulheres, explorando como constroem narrativas, símbolos e diálogos em suas obras.

Com mais de 230 filmes exibidos, de 186 diretoras de diferentes partes do mundo, o cineclubes promove sessões gratuitas com debates abertos ao público, majoritariamente realizadas na Cinemateca Capitólio e na Sala Redenção da Ufrgs. Em 2020, durante a pandemia, adaptaram-se ao formato online com encontros virtuais, viabilizados por edital público.

Yasmin Borges, integrante do projeto desde 2020, destaca a força da pesquisa no grupo: “A gente gosta muito de buscar diretoras esquecidas pela história oficial do

cinema. É um trabalho de resgate e de reflexão coletiva”. Hoje, o grupo conta com cerca de 10 a 12 membros ativos.

Além das sessões regulares, o projeto também criou o “Cineclubes Academia das Musas na Escola”, iniciativa contemplada pelo edital Paulo Gustavo em 2023. A proposta levou o cinema para dentro da sala de aula, com sessões seguidas de debates em uma escola pública de Porto Alegre. Foram exibidos curtas-metragens como Barbosa 1988 (Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado), Só sei que foi assim (Gio-

vanna Muzel), Eu não sou um robô (Gabriela Lamas) e Centenário da minha bisã (Cristyelen Ambrózio).

Outro destaque do cineclubes é a Revista Academia das Musas, publicação anual que reúne textos críticos, ensaios e reflexões escritas pelas próprias integrantes sobre as obras exibidas e pesquisadas. A revista está disponível gratuitamente no site do projeto, reforçando o compromisso com a difusão do pensamento feminista e decolonial no campo do cinema.

Com curadoria sensível e afeto como método, o Cineclubes Acade-

mia das Musas segue firmando sua missão: celebrar e aprofundar o debate sobre o cinema feito por mulheres e dissidências, promovendo a educação crítica e a diversidade cultural — dentro e fora das salas de cinema.

### Para saber mais

► Instagram  
@cineclubesacademiadasmusas  
► Site oficial  
cineclubesacademiadasmusas.wordpress.com/